



# Uma máquina para multiplicar citações

Trabalhos de reitor de universidade espanhola são invalidados por evidências de fraude em indicadores de impacto científico

A Universidade de Salamanca (Usal), a mais antiga instituição de ensino superior da Espanha e a quarta fundada no continente europeu, vive um capítulo constrangedor em seus 806 anos de história. O atual reitor da universidade, o cientista da computação Juan Manuel Corchado, 53 anos, protagoniza um escândalo de má conduta que tem ingredientes como fabricação de citações de artigos, manipulação no processo de avaliação de estudos científicos e uso de estratégias para inflar irregularmente o desempenho acadêmico.

Em outubro, a editora Springer Nature anunciou a retratação de 75 trabalhos vinculados ao grupo de pesquisa liderado por Corchado por conterem “citações com comportamento inusual” e sinais de que o processo de revisão por pares foi comprometido. Catorze estudos cancelados são assinados pelo próprio reitor. Todas as retratações envolvem *conference*

*papers*, resumos de apresentações feitas em conferências científicas que citaram 1.772 vezes artigos do dirigente da Usal e 559 vezes trabalhos de uma revista da qual ele é um dos editores-chefes, *Advances in Distributed Computing and Artificial Intelligence Journal* (ADCAIJ). Em um dos resumos retratados, Corchado citava outros 200 artigos de sua autoria.

Chris Graf, diretor de integridade de pesquisa da Springer Nature, informou à revista *Science* que “conexões pessoais ou profissionais” interferiram na avaliação editorial dos trabalhos cancelados. Segundo ele, há indícios de manipulação no processo de revisão por pares, uma vez que o grupo de Corchado, o Bisite (sigla para bioinformática, sistemas inteligentes e tecnologia educacional), participava ativamente da organização das conferências em que os trabalhos eram selecionados e apresentados. Procurado pela *Science*, o reitor não se pronunciou sobre as retratações, mas um porta-voz de seu grupo afirmou que os estudos cancelados representam uma quantidade pequena da produção do acadêmico e que as acusações são “maliciosas e visam exclusivamente desacreditar a equipe”.

Catedrático da Usal e especialista em inteligência artificial e cibersegurança, Juan Manuel Corchado é um dos pesquisadores mais prolíficos da Espanha. É autor de mais de mil trabalhos científicos e, em 2018, figurou em uma lista, compilada pelo pesquisador norte-americano John Ioannidis, da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, dos cientistas mais produtivos do mundo – publicou, naquele ano, um trabalho a cada seis dias. Foram 62 estudos, sendo 33 artigos de periódicos e 29 *conference papers*.

As primeiras denúncias de que havia algo errado com sua produção surgiram em 2022, quando o site Retraction Watch divulgou uma reportagem mostrando que, das notáveis 39 mil citações que seus trabalhos científicos haviam recebido de acordo com a plataforma Google Scholar, 8,4 mil eram autorreferentes: Corchado tinha o costume de povoar as referências bibliográficas de seus trabalhos com menções a estudos anteriores de sua lavra. A prática, denominada autocitação, é permitida quando trabalhos prévios de um autor são essenciais para explicar resultados novos que ele alcançou. Já o abuso desse expediente é considerado má conduta, por inflar indicadores de desempenho acadêmico que podem vir a ser usados como critério para concessão de financiamento ou promoção na carreira.

A reportagem, que se baseava na análise do especialista em bibliometria Alberto Martín-Martín, da Universidade de Granada, mostrava outros padrões anômalos. Um grande número de citações havia sido feito em textos científicos armazenados na plataforma ResearchGate, em perfis de pesquisadores cuja identidade não podia ser verificada. Outros estudos estavam disponíveis apenas no repositório da Universidade de Salamanca. Trabalhos desse tipo não

são considerados em indicadores produzidos por bases de dados como a Web of Science, da Clarivate Analytics, e a Scopus, da editora Elsevier, que só ponderam artigos de revistas científicas certificadas e revisadas por pares. Mas tais estudos são computados nas métricas do Google Scholar, que faz um rastreamento exaustivo da literatura acadêmica na internet, onde quer que ela se encontre (*ver Pesquisa FAPESP nº 343*).

Corchado, à época, defendeu-se dizendo que os textos depositados no repositório da Usal eram apenas trabalhos para discussão, acusou desafetos de criarem perfis falsos no ResearchGate para prejudicá-lo e argumentou que os indicadores do Google Scholar não são considerados para avaliação de pesquisadores na Espanha, logo não se beneficiaria de suas métricas.

**O** caso voltou a ganhar repercussão no início do ano, quando o pesquisador, mesmo enfrentando questionamentos sobre a integridade de sua produção, decidiu concorrer ao cargo de reitor da Usal, em um processo em que não houve outros concorrentes. Ele tomou posse em maio. No mês seguinte, o Comitê Espanhol de Ética na Pesquisa solicitou uma investigação independente sobre as alegações contra o cientista da computação, cujos resultados saíram em setembro. O relatório, encomendado a dois pesquisadores da Universidade de Granada, Emilio Delgado López-Cózar e novamente por Alberto Martín-Martín, diz que Corchado e seus colaboradores utilizaram “práticas de publicação questionáveis” para referenciar “massiva e irregularmente” trabalhos do grupo. Em 36 *conference papers*, foi encontrada uma evidente sobreposição nas listas de referências – eles partilhavam mais de 30 referências idênticas. Uma reportagem do jornal *El País* relatou que os colegas de Corchado eram orientados por e-mail a escolher 20 artigos do reitor e 10 artigos da ADCAIJ para citarem em seus trabalhos.

“Nunca vi um caso como esse”, disse à *Science* Ismael Ràfols, especialista em bibliometria da Universidade de Leiden, nos Países Baixos. Ele considera que Corchado não estava tentando manipular indicadores para obter vantagens, mas sim se promover. “Parece mais ser o comportamento de quem quer ser estrela em uma área e ter grande visibilidade”, afirma. As retratações de outubro repercutiram na comunidade científica da Espanha. O Conselho de Administração da Conferência de Reitores das Universidades Espanholas publicou um comunicado, sem mencionar o dirigente da Usal, lamentando que os relatos recentes de má conduta e de retratações “prejudiquem a reputação internacional da ciência no nosso país e possam lançar dúvidas na sociedade sobre a confiança no trabalho da ciência”. ●

FABRÍCIO MARQUES

# Pandemia e integridade científica influenciam nova versão da Declaração de Helsinque

A Declaração de Helsinque, conjunto de princípios éticos que regem a experimentação com seres humanos na área médica, passou por uma revisão promovida pela Associação Médica Mundial e agora inclui uma referência explícita ao combate à má conduta científica. O documento, que estabelece princípios como a obrigatoriedade de obter consentimento de pessoas que participam de experimentos científicos, incorporou a seguinte frase: “A integridade científica é essencial na condução de investigação médica envolvendo participantes humanos. Os indivíduos, equipes e organiza-

ções envolvidos nunca devem incorrer em má conduta de pesquisa”.

O epidemiologista Matthias Wjst, da Universidade Técnica de Munique, disse ao site Retraction Watch que o novo texto reforça a importância da integridade científica em experimentos com seres humanos e sinaliza que a responsabilidade não é só dos indivíduos, mas também das equipes de pesquisadores e de suas instituições. “Incluir a integridade da pesquisa nos cânones da Declaração de Helsinque é um avanço significativo”, afirmou. As diretrizes, que já foram atualizadas em oito ocasiões, não sofriam alterações desde 2013. A nova versão foi publicada no *Journal of American Medical Association*.

O texto também traz alterações motivadas pela pandemia e prevê que, “embora novos conhecimentos e intervenções possam ganhar urgência durante emergências de saúde pública, continua a ser essencial defender os princípios éticos dessa declaração durante tais eventos”. A declaração se debruça especificamente

sobre a promoção de tratamentos sem comprovação científica, como foi o caso da hidroxicloroquina e da ivermectina no combate emergencial à Covid-19. Durante a pandemia, defensores dessas terapias diziam estar respaldados pela declaração ao propor aos pacientes soluções heterodoxas na esperança de salvar vidas. O novo texto prevê que, quando se for adotar uma intervenção não comprovada na tentativa de aliviar o sofrimento de um paciente, porque as opções aprovadas são inadequadas ou ineficazes, ela deve ser objeto de estudos posteriores para avaliar a segurança e a eficácia. “Os médicos que participam dessas intervenções devem primeiro procurar aconselhamento especializado, ponderar os possíveis riscos, encargos e benefícios e obter o consentimento informado. Devem também registrar e partilhar dados quando apropriado e evitar comprometer os ensaios clínicos. Tais intervenções nunca devem ser realizadas para contornar as proteções dos participantes da pesquisa estabelecidas nessa declaração.”

# Má conduta associada ao uso de inteligência artificial avança em instituições do Reino Unido

Universidades do Reino Unido registraram um crescimento dos casos de estudantes que cometeram má conduta acadêmica por uso fraudulento de programas de inteligência artificial (IA) generativa, como o ChatGPT. Dados obtidos pela revista eletrônica *Times Higher Education* mostram que a Universidade de Sheffield investigou 92 suspeitas de violações relacionadas ao uso de IA no ano letivo 2023-2024 e puniu 79 estudantes – no ano letivo de 2022-2023, apenas seis casos tinham sido registrados e todos resultaram em punições. Na Universida-

de de Glasgow, houve 130 registros em 2023-2024 com 78 punições, mais do que o triplo do período anterior. Na Queen Mary University of London, o placar chegou a 89 casos investigados e punidos em 2023-2024, em comparação com 10 inquéritos e nove sanções nos 12 meses anteriores. Já instituições como a Universidade de Southampton afirmaram não ter registrado nenhum caso de má conduta envolvendo IA, enquanto outras não dispunham de dados consolidados, sob a alegação de que o problema é enfrentado de forma descentralizada em seus departamentos.

O cientista da computação Thomas Lancaster, especialista em integridade acadêmica do Imperial College London, disse à *Times Higher Education* que considera preocupante a situação das instituições sem casos registrados. “Dada a facilidade de acesso aos programas de inteligência artificial generativa, é decepcionante que universidades não estejam acompanhando o problema”, afirmou.

## CONTEÚDO EXTRA

Conhece a nossa newsletter de integridade científica?



Entre no QR Code para assinar nossas newsletters

